

OBSERVAÇÃO DE AVES: DO ECOTURISMO À EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Sérgio de Faria Lopes

Mestre em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais pela UFU
lopeserginho@bol.com.br

Rossvelt José Santos

Prof. Doutor do Instituto de Geografia da UFU
rossvelt@ufu.br

RESUMO

A proposta deste trabalho foi de analisar a importância da identificação do produto turístico para a possível adaptação a novos segmentos. A atividade de observação de aves como um segmento do ecoturismo concilia a conservação dos recursos naturais com a diversificação de opções de entretenimento para o turista. Esta atividade, além de proporcionar um incremento ao turismo local, contribui para o desenvolvimento sustentável, por meio da educação ambiental.

Palavras-chave: Observação de aves, educação ambiental e ecoturismo.

OBSERVATION OF BIRDS: FROM ECOTURISM TO THE ENVIRONMENTAL EDUCATION

ABSTRACT

The purpose of this work is to point out the importance of the identification of a tourist product for its possible adaptation to a new segment. The activity of observation of birds as a segment ecotourist, reconciles the conservation of the natural resources with the diversification of options of entertainment for the tourists. Besides its contribution as an increment to the local tourism this activity excels for the maintainable development.

Key-word: observation of birds, environmental education and ecotourism

INTRODUÇÃO

A atividade de Observação de aves resume se em “coleccionar avistagem”. A observação realizada na natureza promove uma gratificante atividade de lazer e descontração, proporcionando aos praticantes recompensas intelectuais,

recreativas e científicas (ANDRADE 1997). Esta atividade pode ser desenvolvida em um final de semana, uma temporada de férias, ou ainda se transformar em *hobby*, como as observações realizadas nos Clubes de Observadores de Aves – COAs, sendo que o primeiro foi fundado em 1974, no Rio Grande do Sul.

Recebido em 31/07/2004

Aceito para publicação em 22/08/2004

Nesta perspectiva, a exploração do turismo ecológico e/ou rural pelos *campings* em Uberlândia e região pode ser favorecida pelas características do bioma Cerrado, que é a formação vegetal dominante no estado de Minas Gerais e onde estão 47% (n =753) de todas as aves catalogadas do Brasil (ANDRADE 1997). Entretanto, apesar dessa riqueza de espécies, a falta de conhecimento do potencial da avifauna ainda é relevante.

Esse conhecimento, na região do Triângulo Mineiro e mais especificamente em Uberlândia - MG, é pequeno em relação a sua importância e representatividade no estado. Como exemplo, o Grupo de Observadores de Aves local, fundado em dezembro de 1999, desenvolve trabalhos que proporcionam não somente o lazer, mas também supre, em parte, a lacuna existente em relação ao conhecimento sobre a avifauna da região (FRANCHIN 2000). Assim, a observação de aves como um segmento do turismo ecológico, poderá ser pensada na perspectiva do desenvolvimento sustentável, pois este segmento se apresenta como uma atividade individualizada e diferenciada, por receber um número limitado de turistas, que é determinado pela própria

estrutura e fragilidade do meio onde é desenvolvido além de surgir como uma alternativa mais apropriada para conciliar o desenvolvimento econômico à conservação ambiental (RUSCHMANN 1997; PIRETE 1999).

Apesar da abundância de recursos naturais e atrativos, bem como a grande diversidade da avifauna brasileira (terceira maior do mundo), o Brasil não possui uma oferta suficiente de produtos turísticos para atender uma demanda nacional ou mesmo internacional. Isto se deve, em parte, à grande deficiência de guias especializados, infra-estruturas disponíveis e principalmente a falta de uma iniciativa que venha a promover esta atividade por meio da educação ambiental. Assim, os objetivos deste trabalho foram: incrementar a oferta turística do *camping* Rio Claro com a atividade de observação de aves e avaliar o turismo exercido na área de estudo.

MATERIAL E MÉTODOS

O *camping* Rio Claro compreende uma área de aproximadamente 35 hectares. Está situado no município de Uberlândia,

MG – 18° 91' 86" e 48° 27' 72", do qual dista aproximadamente 55km (km 200), percorridos por estradas pavimentadas. A região apresenta relevo típico de chapada, suavemente ondulado, sobre formações sedimentares, apresentando vales espaçados e raros. A vegetação característica é a de Cerrado (sentido amplo). Os solos são ácidos e poucos férteis, tipo Latossolo Vermelho-Amarelo, argiloso-arenoso. A hidrografia da região é formada pela bacia do Rio Araguari, sendo o Rio Claro o principal recurso hídrico do *camping*.

A metodologia para a implementação da atividade compreendeu três etapas: primeiramente foi realizado um levantamento da avifauna local, com o objetivo de determinar o potencial da área de estudo. Para a segunda etapa, foi distribuído um questionário (pré-teste) e apresentado uma palestra didático-pedagógica relacionada com as aves (Anexo 01). O objetivo principal dessa etapa foi o de descobrir o conhecimento do turista a respeito do tema e orientá-los para a atividade de observação. Para terceira e última etapa, foi realizado uma saída de campo com os turistas para que desenvolvessem a atividade programada,

e por fim, foi distribuído o pós-teste (Anexo 02) para avaliar a validade da atividade. O trabalho de campo foi realizado no período de junho a dezembro de 2001.

Para o levantamento foi usado o método qualitativo por trilha, sendo feito um transecto preliminar que compreendia quatro áreas definidas: 1 - mata, 2 - pomar, 3 - *camping* e 4 - entrada. Em cada ponto estabelecido o observador ficava por trinta minutos. As observações foram feitas no período da manhã, das 6:00 às 11:00 e vespertino, das 16:00 às 18:00, por aproximadamente 40 horas. Os instrumentos para o trabalho de campo foram binóculos 8x50 e 10x50, guias de campos (ANDRADE 1995, 1997 e SICK 1997). Os resultados foram registrados em cadernetas de campo.

As perguntas feitas no pré-teste estimularam a curiosidade do turista e permitiram um primeiro contato com a atividade de observação. Foram feitas perguntas que levaram em consideração, a qualidade do projeto e o nível de conhecimento do turista a respeito do tema. O questionário (pré-teste) continha perguntas referentes à ecologia, comportamento, nomenclatura e biologia

das aves.

Para a palestra didático-pedagógica relacionada com as aves, foram utilizados diapositivos (slides) de algumas aves típicas do cerrado, peças taxidermizadas, bem como uma orientação a respeito da atividade de observação de aves.

A atividade prática iniciou-se às 07h30min, pois, segundo ANDRADE (1995), a observação é mais proveitosa nas primeiras horas da manhã, quando as aves estão mais ativas, cantam mais e saem à procura de alimento.

Para a avaliação do tipo de turismo exercido pelo camping foi distribuído um questionário, aleatoriamente, a 45 turistas na parte da manhã do domingo, pois, os finais de semana e principalmente o domingo são os dias em que mais se recebem turistas e excursionistas. O *camping* Rio Claro recebe por finais de semana uma clientela que gira em torno de 180 pessoas. O projeto foi realizado em dois finais de semana, começando sábado à noite e terminando no domingo pela manhã.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identificando a potencialidade da avifauna do camping Rio Claro - Nova

Ponte

Foram encontradas 12 ordens, 29 famílias e 76 espécies de aves em uma área de 35 hectares, com quatro pontos de observação distintos (Anexo 03). Foi feita uma divisão do levantamento da avifauna por guildas alimentares e pontos onde foram observadas, encontrando-se 31 espécies de aves insetívoras, 24 onívoras, 08 granívoras, 06 frugívoras, 04 carnívoras, 03 nectarívoras, e 01 detritívora. O maior percentual de aves insetívoras (40,7%) está relacionado particularmente ao nível de alteração das áreas pesquisadas, já que nessas condições espera-se encontrar uma maior proporção de aves insetívoras. O levantamento foi uma estratégia metodológica de grande importância, pois permitiu um maior conhecimento da avifauna local, bem como uma adequação da rota e do roteiro a serem seguidos quando a atividade for realizada com turistas.

O relevante número de espécies encontradas no *camping* (76) evidenciou alguns pontos de observação como sendo essenciais para a atividade de observação de aves, sendo o ponto “*camping*” e “mata” com maior representatividade,

devido a maior parte das aves encontradas. Esses pontos possuem características diferentes e assim conseguem abranger a maioria das espécies, possuindo importantes papéis para a formação do atrativo turístico.

Observação de aves no *camping* Rio Claro: avifauna como atrativo turístico

A realização do projeto piloto contou com a colaboração de 21 pessoas, divididas em dois finais de semana. As respostas do pré-teste constituíram um importante fator para a descoberta do conhecimento do turista em relação às aves, bem como o entendimento da atividade de observação. A respeito das respostas do pré-teste os turistas apontaram diversas razões que influenciaram a sedução pelas aves.

Segundo os entrevistados, as aves possuem uma grande facilidade de sedução, seja pela sua coloração ou pelo seu comportamento particular. Sua beleza inigualável deve-se em parte ao colorido brilhante, contrastante e às vezes camuflado. Os machos de algumas espécies disputam a sua fêmea exibindo plumagens coloridas ou danças nupciais. Esta cena vista na natureza é para muitos um raro espetáculo (ANDRADE 1997).

O conhecimento dos turistas a respeito da importância das aves para o homem foi bastante detalhado e relevante. Baseou-se na alimentação e na ecologia. Para os entrevistados *“as aves, além de proporcionarem um enorme lazer, são indicadoras de biodiversidade biológica de um local ou ecossistema”, “manutenção do equilíbrio ecológico”*. Para ANDRADE (1997) as aves são de grande importância para a vida humana e a natureza. São importantes no controle de insetos, e de populações de ratos e cobras, auxiliam na coleta do lixo e de animais mortos. São fundamentais na polinização, na disseminação de sementes e como alimento. Além disso, são fontes de inspiração para música, poemas, trovas, fotografias e transmitem sensação de bem estar.

As espécies conhecidas e citadas pelos turistas foram em sua maioria, espécies urbanas e exóticas, tais como a *“galinha doméstica”, “urubu”, “pato”, “pombo”, “arara”, “pardal”, “sabiá” e “rolinha”*. As aves podem ser encontradas em todos os continentes ocupando os ambientes terrestres, aquáticos e aéreos e essa grande diversidade de habitats facilita a sua observação. Até nos grandes centros

urbanos podemos observar as aves voando ou pousadas em árvores.

Segundo SICK (1997), aves consideradas “urbanas” são animais em sua maioria exóticos e que se adaptaram perfeitamente à vida nas cidades, como é o exemplo de *Columbina talpacti* Temminck, 1813, que se tornou o volátil mais abundante nas metrópoles, superando mesmo o pardal (*Passer domesticus* Linnaeus, 1758) e também o pombo doméstico (*Columba livia* Temminck, 1813) e a rola de coleira (*Streptopelia decaocto* Lesson, 1831). Para ANDRADE (1997), aves como o bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus* Linnaeus, 1760), o sabiá (*Turdus* sp.), a rolinha (*C. talpacoti*), o pardal (*P. domesticus*) entre outras, podem ser observadas sem grande esforço, tanto no quintal como jardim de uma casa, das janelas de um edifício ou mesmo no percurso da casa ao trabalho.

Assim, o pré-teste teve como importância avaliar o conhecimento prévio sobre o tema “aves” entre os turistas. Foi o início da atividade e as perguntas buscaram resgatar tudo o que eles sabiam a esse respeito.

A palestra didático-pedagógica foi

ministrada logo após a realização do pré-teste e serviu para esclarecer o conteúdo e discutir o tema. Várias questões e curiosidades surgiram durante a palestra. Algumas se destacaram, como: “*O pingüim é uma ave?*” “*É verdade que toda vez que vai morrer alguém a coruja avisa?*”

Deste a Antigüidade, o homem vive cercado de lendas, mitos, credices e histórias populares que são passadas de geração a geração. Muitas vezes torna-se difícil encontrar a origem dessas histórias e até dos nomes populares de animais e plantas (BERLIM 1973).

Para SANTOS (1979), as corujas, especialmente as noturnas, inspiram ao povo uma repulsão mesclada de terror. Segundo o mesmo autor “*Ao ouvir-lhe a sardônica risada, ora hudulante, ora áspera as mães cingem ao peito os filhinhos amedrontados*”. Algumas vezes as histórias populares podem corresponder à “realidade das espécies” e outras vezes não passam de fruto da imaginação das pessoas.

Segundo SICK (1997), os pingüins (Sphenescidae) são aves marinhas por excelência, confinadas ao hemisfério austral. São as mais típicas e mais

numerosas da zona subantártica e antártica, constituindo mais de 90% da biomassa da avifauna dessa região.

O conteúdo da palestra abrangeu curiosidades a respeito das aves, características e informações sobre a atividade de observação. Ao final da palestra foram dadas informações sobre a prática do dia seguinte e os cuidados que deveriam ser seguidos, como o horário de início e comportamento dos participantes. ANDRADE (1995) propõe movimentar-se em silêncio e com cautela durante esses percursos. Evitar pisar em folhas e galhos secos e às vezes, é preferível encontrar um local em que se possa assentar e esperar as aves aparecerem.

Durante as observações na mata, houve uma pausa para uma pequena discussão a respeito das características das aves. A intenção foi de tentar esclarecer todas as questões do pré-teste. As observações na mata evidenciaram algumas espécies interessantes pela sua beleza e comportamento, como o pica-pau de topete vermelho (*Campephilus malanoleucos* Gmelin, 1788) e o pica-pau anão (*Picumnus albosquamatus* d'Orbigny, 1840), como também espécies como a risadinha (*Camptostoma*

absoletum Ternminck, 1824) e o relógio (*Todirostrum cinereum* Ternminck, 1824), pelo seu canto. O risadinha e o relógio são aves arborícolas comuns em muitos lugares, chamando a atenção pelo seu canto alegre, lembrando uma risada e um relógio, respectivamente (SICK 1997).

Para o mesmo autor, a respeito de aves de mata, freqüentemente não se chega a ver direito mais de dois terços das aves que se encontram durante uma excursão. A maior porcentagem de um levantamento de aves é feito pelo canto, devido à vegetação fechada.

No ponto “pomar”, árvores frutíferas como a goiabeira (*Psidium* sp.), a mangueira (*Mangifera* sp.) e o limoeiro (*Citrus* sp.), entre outras, serviam de locais de descanso e alimentação para várias aves. Espécies como o arapaçú (*Lepidocolaptes angustirostris* Spix, 1824), o periquito do encontro amarelo (*Brotogeris chiriri* Gmelin, 1788) e o príncipe (*Pyrocephalus rubinus* Boddaest, 1783) aumentaram a curiosidade e o interesse dos turistas, durante a passagem pelo pomar. De acordo com SICK (1997), o príncipe ou verão pertence à família Tyrannidae, é

uma ave migratória que chega ao Brasil durante o inverno austral. Vive em regiões campestres e no Cerrado.

No ponto “*camping*”, por localizar-se em toda sua extensão ao lado do rio, pode-se encontrar aves adaptadas ao ambiente aquático. Segundo ANDRADE (1997), as áreas úmidas como banhados, brejos, pântanos, rios e lagoas de água doce, pela sua riqueza alimentar são locais importantes e procurados pelas aves limícolas e aquáticas. Neste local pode-se observar espécies como a garça branca pequena (*Egretta thula* Molina, 1782) e a grande (*Casmerodius albus* Linnaeus, 1758), o biguá (*Phalacrocorax brasilianus* Brisson, 1760), o quero-quero (*Vanellus chilensis* Molina, 1782) entre outras.

Para o mesmo autor, o quero-quero habita as praias, alagados, campos, margens de rio, lagoas e pastagens do interior. É muito estimado pelos fazendeiros, por ser o “vigia das fazendas”. Qualquer barulho ou intruso é logo denunciado pela gritaria que faz, daí seu nome original.

O ponto “*entrada*” caracterizava-se pela presença de um pasto adjacente a trilha da entrada, por palmeiras e pela rodovia. Os

turistas tiveram a oportunidade de observar, neste local, aves como o sanhaço (*Thraupis sayaca* Wied, 1821), a Maria faceira (*Syrigma sibilatrix* Ridgway, 1878) e o carcará (*Polyborus plancus* Miller, 1777). Segundo ANDRADE (1997), o carcará, também chamado de gavião de queimada, carancho ou carcará, é uma ave bem conhecida pelos mineiros, vista freqüentemente nas estradas alimentando-se de animais mortos. A “*entrada*” foi o último ponto de observação. A atividade terminou com a realização do pós-teste, que serviu para reforçar o conhecimento adquirido e saber da satisfação do turista.

A atividade de observação de aves teve uma boa aceitação pelos turistas, apesar do descontentamento pelo horário da atividade. Segundo Andrade (1995), a observação poderia ser realizada nas últimas horas do dia; houve, porém, uma preferência pelas primeiras horas da manhã devido à atividade estar sendo realizada no domingo.

De acordo com os turistas, algumas aves (garça branca, curicaca, gavião caboclo, beija-flor tesoura, tucano, arapuçu, pica-pau anão, príncipe, tesourinha e saí azul) foram alvos de uma intensa admiração e

notadas pela sua expressiva atratividade. Assim, essas aves, juntamente com a beleza dos recursos naturais presentes no *camping*, podem conseguir despertar o interesse do turista e conseguinte formação de um produto turístico voltado para uma clientela cada vez mais exigente. Porém, o público que frequenta o *camping* não se adapta ao perfil de um observador de aves.

Observação de aves como valorização do lugar

Embora esse segmento do turismo ecológico, realizado com profissionais qualificados e uma estrutura e equipamentos necessários, ainda não seja presente e intenso como uma oferta em redes de hotéis rurais e/ou ecológicos no Brasil, esta atividade já existe como *hobby* e lazer em algumas Unidades de Conservação. Nesta perspectiva, a atividade de observação de aves possui um público restrito e seletivo, formado geralmente por pessoas de meia idade com formação superior. A maioria é composta de profissionais liberais e suas viagens em geral duram cerca de 11 dias. Porém, o foco da oferta do *camping* Rio Claro possui uma direção diferente, proporcionando aos turistas um outro tipo

de entretenimento e lazer, como pôde ser constatado pelos questionários e observações empíricas. O público do *camping* é formado por jovens com a idade média de 26 anos, sendo em sua maioria estudantes ou autônomos e suas viagens duram cerca de dois dias. O questionário evidenciou uma clientela ciente de seus objetivos de entretenimento e lazer, como churrascos e músicas, apesar da falta de conhecimento da oferta do *camping*. O proprietário não demonstrou preocupação com atividades ecoturísticas, disponibilizando apenas equipamentos para os recursos recreativos. Para grande parte dos entrevistados deve existir uma relação entre conservação e *camping*, embora não exista um entendimento por parte dos turistas em relação à conservação da natureza no *camping* Rio Claro e às práticas ecoturísticas.

Dessa forma, fica claro que o turista exige dos ambientes turísticos uma conservação da natureza. Quanto à natureza do *camping*, o visitante a entende que ela, bem cuidada é o seu principal atrativo. Existe uma preocupação, mas apenas com a beleza cênica da paisagem. Os turistas do *camping* Rio Claro, embora tenham

expressado uma consciência superficial a respeito da natureza, mostraram-se exigentes em relação à conservação.

Entretanto, as respostas do questionário deixaram evidente que os turistas que frequentam o *camping* Rio Claro também não se enquadram no perfil de um ecoturista, pois estes são pessoas adultas ou da terceira idade, adolescentes e crianças integrantes de grupos escolares. Ecoturistas são pessoas com espírito de aventura, curiosas, investigativas e que adoram compartilhar experiências. Também gostam de atividades que estabeleçam contato com a natureza, que lhes proporciona prazer na observação da fauna em seu habitat, da ansiedade de explorar e descobrir, de saber sobre costumes culturais das regiões que visitam. São pessoas que têm como característica o trabalho em equipe e o companheirismo. Sempre busca ser recompensadas com a beleza de um lugar inóspito, a visão de uma cachoeira, o vôo de um tucano ou a vista de jacarés preguiçosos às margens de uma lagoa.

O perfil do próprio *camping* também não permite classificá-lo como sendo uma opção ecoturística. Na verdade, sua relação é só com o entorno natural e não

com as atividades e critérios de classificação. A classificação do *camping* como produto ecoturístico está associado ao tipo de turismo ofertado, levando em consideração critério como o tipo de cliente, área em que é desenvolvido o turismo, produto, equipamentos e estrutura oferecida. Portanto, não se pode classificar o produto turístico do *camping* Rio Claro como sendo apenas um turismo rural, pois há uma grande diversidade de termos e conceitos, tornando-os muitas vezes imprecisos.

Para PORTUGUEZ (1999), essa grande diversidade se dá pelas diversas configurações socioespaciais, pois

“... o turismo assume características próprias, de modo que não se pode falar, em realidade, em um turismo rural, mas sim em conjuntos de práticas turísticas no espaço rural”.

Também classificá-lo como sendo um tipo de agroturismo seria um erro, pois este se refere às atividades turísticas que ocorrem em propriedades com atividades agropecuárias produtivas.

Adotar a expressão “turismo no espaço rural” para classificar o *camping* significa ampliar a atuação da atividade e torná-la menos ambígua do que “turismo rural”. O turismo rural indica uma significativa

variedade de opções, em que se incluem todos os tipos de turismo desenvolvido em espaço rural.

Nesta perspectiva, a partir dos tipos de exploração do espaço rural, é possível analisar o lugar e distingui-lo do não-lugar como atrativo turístico. Segundo CARLOS (1996),

“... a indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o “espetáculo” para uma multidão amorfa mediante a criação de uma série de atividades que conduzem a passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão, e desse modo, o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar.

Aqui o sujeito se entrega às manipulações a desfrutando a própria alienação e a dos outros. Esses dois processos apontam para o fato de que ao vender-se o espaço, produz-se não identidades e, com isso, o não lugar, pois longe de se criar uma identidade produz-se mercadorias para serem consumidas em todos os momentos da vida, dentro e fora do ambiente de trabalho, nos momentos de trabalho e não trabalho”.

Desse modo, o *camping* Rio Claro pode ser considerado o não-lugar, pois se trata de um produto localizado no “espaço rural”, implantado deliberadamente para explorar o turismo rural, desconsiderando

o modo de vida rural. Assim, a presença do *camping* no meio rural é discutível como turismo rural. Como criação recente, como opção de lazer, ocupa as paisagens rurais, situa-se no rural, é desencontrado dos conteúdos desse espaço e se reproduz como opção de lazer ignorando a identidade do lugar, sua história e sua cultura. Desse modo, o *camping* apropria-se do espaço rural sem se preocupar com as atividades sócio espaciais do lugar, para propor suas ofertas turísticas. Nesta perspectiva, utiliza equipamentos e estruturas do rural. A presença do curral, do fogão de lenha, de atividades tal como a cavalgada, demonstram tais usos e apropriações sem, contudo, incluir as populações locais e seus respectivos modos de vida.

Em relação aos recursos naturais, utiliza-se do rio, da mata, sem se preocupar com a sustentabilidade de tais recursos. Na verdade, o rio atravessa o *camping* e em toda a sua extensão não existe mais a presença da mata ciliar. Seus proprietários além de demonstrar total desconhecimento a respeito da preservação ambiental entendem que a mata seria um empecilho para futuras construções e equipamentos. Tais atitudes

afirmam que, em nossa sociedade, os recursos naturais nem sempre são considerados como potencialidades para o desenvolvimento do turismo sustentável. No caso do *camping* seria importante considerar tais recursos. As matas ciliares são importantes, pois atuam na conservação do solo e da água, na estabilização das margens dos rios e reservatórios, fornecendo abrigo e alimento para a fauna e proporcionando um aspecto visual positivo do lugar turístico (RIBEIRO & WALTER 1998).

Além disso, a localização desse *camping* no campo seduz o turista. Seduz na maneira como o *camping* está oferecendo o verde, o rio, os animais silvestres, o ar puro. Assim, o *camping* cria a sua oferta turística capturando os desejos e motivações por parte do turista para implementar um turismo com base no meio rural. Porém, como procuramos demonstrar, corre-se o risco de transformar a natureza, espaço e cultura em mercadoria. Como expressão do não-lugar, podemos observar que a atividade agrária no *camping* nunca existiu, apenas comporta serviços especializados para o entretenimento dos visitantes.

Neste contexto, o turismo no espaço rural

aparece como alternativa confusa de ecoturismo, que ALMEIDA (1998) denomina de “Turismo Ecorural”, pois consiste numa prática de turismo alternativo ao turismo de massa. É esse tipo de turismo que o *camping* Rio Claro tenta esboçar em sua propriedade. Ilustra-a com equipamentos do campo, aproveita o imenso potencial dos recursos naturais, porém não otimiza e sustenta o seu produto, nem mesmo se preocupa com a identidade de suas ofertas.

O turismo exercido no *camping* Rio Claro não segue tipologias específicas de classificação ou mesmo uma definição exata de um produto turístico. O *camping* se identifica, sobretudo, como um não-lugar e desconsidera e desperdiça grande parte dos recursos naturais, inclusive a avifauna. O *camping* poderia definir e planejar um produto turístico tendo como o principal atrativo os recursos naturais e assim o ecoturismo ou o turismo ecorural poderia ampliar a sua oferta e clientela.

O desenvolvimento de um produto (eco) turístico no *camping* Rio Claro poderia valorizar as suas atividades, os atrativos naturais e culturais. Desta forma, a cachoeira, a mata, o rio e as tradições culturais camponesas poderiam ampliar

os seus atrativos turísticos, podendo assim seduzir ainda mais o turista, o visitante, o ecoturista, o excursionista, o estudante e os profissionais relacionados com as atividades de lazer e turismo.

Portanto, apesar dos esforços, o ecoturismo praticado no Brasil ainda é uma atividade em ordenamento. Impulsionada quase que exclusivamente pelas oportunidades de mercado, deixa de gerar os benefícios sócio-econômicos e ambientais esperados pela sociedade. Desta forma, as atividades turísticas desenvolvidas a partir dos recursos naturais, sem o comprometimento com a sustentabilidade, a educação ambiental, vêm comprometendo o conceito e a imagem do produto ecoturístico brasileiro nos mercados nacional e internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo pesquisado apresentou um nível de interesse e satisfação apurado, o que é demonstrado notadamente pela sua motivação, apesar de não se enquadrar no perfil de um observador de aves. As aves determinadas como mais atrativas pelos turistas, juntamente com os recursos naturais, poderiam definir e priorizar um produto turístico para o *camping* Rio Claro.

O público que compõe a clientela do *camping* Rio Claro não se assemelha ao do perfil de um ecoturista, pois está seduzido apenas pela paisagem oferecida e não se preocupa com o funcionamento e sustentabilidade dos recursos naturais. O *camping* mantém um produto turístico direcionado ao entretenimento. Apropria-se dos recursos naturais e cria uma oferta turística desconhecida de sua verdadeira identidade. Apresenta características de um não-lugar, a sua identidade natural é desperdiçada e o imenso potencial natural da sua propriedade, principalmente o da avifauna, é desconhecido.

O trabalho se constitui em um esforço para demonstrar a validade da atividade de observação de aves e demonstrou a imensa potencialidade dos recursos naturais do lugar, e principalmente o potencial da avifauna como atratividade que o *camping* possui, embora somente com mais conhecimento e promoção por meio da educação ambiental, a atividade de observação de aves venha a ser desenvolvida como incremento ao ecoturismo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. A.; J. M. FROCHLICH. & RIEDAL, M. 1998. **Turismo rural e**

- desenvolvimento sustentável.** Santa Maria: UFMS, p. 94-95.
- ANDRADE, M. A. 1995. **Lista de campo das Aves do Brasil.** Belo Horizonte: Fundação Acangaú. 87 p.
- ANDRADE, M. A. 1997. **Aves silvestres: Minas Gerais.** Belo Horizonte: Littera Maciel. 176 p.
- BERLIM, B. 1973. Folk systematics in relation to biological classification and nomenclature. *Ann. Revist. Ecol. Sys*, 6 : 259-271.
- CARLOS. ANA F. A. 1996. **O turismo e a produção do não-lugar.** In: Yázigi, Eduardo *et al.* Turismo: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec. p. 237-50.
- FRANCHIN, A. G. 2000. A Observação de aves em Uberlândia: A criação de um Grupo de Observadores de Aves (G.O.A). Anais XVII Semana Científica de Estudos Biológicos, p-3.
- PIRETE, M. J. 1999. **Hotéis-Fazenda: uma proposta alternativa de turismo rural no município de Uberlândia?** Anais XI Semana de Geografia, p-13.
- PORTUGUEZ, A. P. 1999. **Agroturismo e Desenvolvimento regional.** São Paulo: Hucitec. 97 p. (Coleção Turismo).
- RIBEIRO, J.F. & B.M.T. WALTER, 1998. **Fitofisionomias do bioma do Cerrado.** In: SANO, S.M. & ALMEIDA, S.P. ed. Cerrado: ambiente e flora. EMBRAPA, Planaltina.
- RUSCHMANN, D. 1997. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente.** Campinas - SP: Papyrus. 132 p. (Coleção Turismo).
- SICK, H. 1997. **Ornitologia Brasileira: uma introdução.** 4 ed. Brasília: UNB. 862 p.
- SANTOS, E. 1979. **Da ema ao beija-flor.** Belo Horizonte: Itatiaia. 335 p.

ANEXO 1

Questionário de avaliação de aspectos ornitológicos sobre a história natural das aves, na visão dos turistas do *camping*.

PRÉ-TESTE

Data da aplicação: __/__/__

1. Identificação

- 1.1 Nome:
- 1.2 Sexo: () masculino () feminino
- 1.3 Data de nascimento: __/__/__
- 1.4 Naturalidade:
- 1.5 Ocupação :
- 1.6 Escolaridade :
- 1.7 Tempo de permanência no hotel :

2. Questionário

- 2.1 Cite as principais características que o (a) Sr. (a) utilizaria para identificar uma ave ?
- 2.2 Qual a importância desses animais para o homem ?
- 2.3 Qual é a maior ave que o (a) Sr.(a) conhece ? E a menor ?
- 2.4 Cite ao menos 10 nomes de aves que o (a) Sr. (a) conhece ?
- 2.5 Todas as aves voam ? () sim () não
- 2.6 Existem aves noturnas ? () sim () não
- 2.7 Todas as aves cantam ? () sim () não
- 2.8 O que mais lhe seduz nas aves ?
- 2.9 O (a) Sr. (a) gostaria de saber mais sobre as aves ? () sim () não
- 2.10 O (a) Sr. (a) gostaria de realizar uma atividade de campo para observar as aves ?
() sim () não
- 2.11 Quais das aves abaixo se encontram no cerrado?

Bem-te-vi () Ema () Periquito () Tucano () Avestruz () Pardal ()

Tuiuiú () Arara Azul () Condor () Águia real () Mutum ()

Sabiá () Gaivota () Beija Flor () Curicaca () Gavião ()

ANEXO 2

Questionário de avaliação de aspectos ornitológicos sobre a história natural das aves na visão dos turistas do *camping* e avaliação da atividade realizada

PÓS-TESTE

Data da aplicação: __/__/__

1. Identificação

- 1.1 Nome:
- 1.2 Sexo: () masculino () feminino
- 1.3 Data de nascimento: __/__/__
- 1.4 Naturalidade:
- 1.5 Ocupação:
- 1.6 Escolaridade:
- 1.7 Tempo de permanência no hotel:

2- Questionário

- 2.1 Cite as principais características que o (a) Sr.(a) utilizaria para identificar uma ave ?
- 2.2 O que lhe seduz nas aves ?
- 2.3 Qual é a maior ave que o (a) Sr.(a) conhece ? E a menor?
- 2.4 Cite ao menos 10 nomes de aves que o (a) Sr. (a) conhece ?
- 2.5 Todas as aves voam ? () sim () não
- 2.6 Existem aves noturnas ? () sim () não
- 2.7 Todas as aves cantam ? () sim () não
- 2.8 Qual a importância desses animais para o homem ?
- 2.9 Qual (s) das aves abaixo se encontra no cerrado?
Bem-te-vi () Ema () Periquito () Tucano () Avestruz ()
Beija Flor () Pardal () Arara Azul () Condor () Tuiuiú ()
Águia real () Mutum () Gaivota () Sabiá () Curicaca () Gavião ()
- 2.10 O Sr. (a) gostou da palestra que foi realizada a respeito das aves ? () sim () não
- 2.11 O Sr. (a) gostou da atividade de campo realizada ? () sim () não
- 2.12 O Sr. (a) já realizou alguma atividade de campo semelhante a esta em outro *camping* ? () sim () não Qual ?
- 2.13 O (a) Sr.(a) gostaria de realizar com frequência esta atividade de campo ? () sim () não
- 2.14 O (a) Sr. (a) gostaria que o *camping* oferecesse mais atividade como esta desenvolvida ? () sim () não
- 2.15 O que o (a) Sr. (a) não gostou durante toda a atividade realizada ?

ANEXO 3

Lista das espécies encontrada no *camping* Rio Claro, nome popular, guilda e ponto onde foi observado

Ordem	Família	Nome Científico	Nome popular	Guilda	Ponto de observação
Pelecániformes	Phalacrocoracidae	<i>Phalacrocorax olivaceus</i> Brisson, 1760	Biguá – una	carnívora	<i>camping</i>
Ciconiforme	Ardeidea	<i>Casmerodius albus</i> Linnaeus, 1758	Garça branca grande	onívora	<i>camping</i>
		<i>Egretta thula</i> Molina, 1782	Garça branca pequena	onívora	<i>camping</i>
		<i>Sirigma sibilatrix</i> Ridgwau, 1878	Maria faceira	insetívora	<i>camping</i>
	Threskiornithidae	<i>Theristius caudatus</i> Wagler, 1832	Curicaca	onívora	<i>camping</i>
		<i>Mesembrinbis cayannensis</i> Gmelin, 1789	Curicaca preta	onívora	<i>camping</i>
Cathartidae	<i>Coragyps atratus</i> Bechstein, 1793	Urubu de cabeça preta		<i>camping</i>	
Falconiformes	Accipitridae	<i>Heteropizias meridionalis</i> Latham, 1790	Gavião caboclo	onívora	Mata
		<i>Gampsonyx swainsonii</i> Vigors, 1825	Gaviãozinho	carnívora	<i>camping</i>
	Falconidae	<i>Mivalgo chimachima</i> Vieillot, 1816	Carrapateiro, pinhé	carnívora	<i>camping</i>
		<i>Polyborus plancus</i> Miller, 1777	Carcará	onívora	<i>Camping</i> e entrada
Galliformes	Phasianidae	<i>Gallus gallus domesticus</i> Linnaeus, 1758	Galinha, galo	onívora	<i>Camping</i>
	Numididae	<i>Numida meleagris</i> Linnaeus, 1758	Galinha-d'angola	onívora	<i>Camping</i>
Charadriidae	Charadriidae	<i>Vanellus chilensis</i> Molina, 1782	Quero – quero	onívora	<i>Camping</i>
Columbiformes	Columbidae	<i>Columba picazuro</i> Termminck, 1811	Pomba asa branca	frugívora	<i>Camping</i> e pomar
		<i>Zenaida auriculata</i> Murs, 1847	Avoante	granívora	<i>Camping</i> e pomar
		<i>Columbina talpacoti</i> Termminck, 1811	Rolinha caldo de feijão	granívora	<i>Camping</i> e pomar
		<i>Scardafella aquammata</i> Lesson, 1831	Fogo apagou	granívora	Pomar
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Aratinga leucophthalmus</i> Muller, 1776	Maritaca	frugívora	<i>Camping</i> e pomar
		<i>Aratinga áurea</i> Gmelin, 1788	Periquito cabeça coco	frugívora	<i>Camping</i> e pomar
		<i>Aratinga jandaya</i> Deville, 1851	Jandaia verdadeira	frugívora	<i>Camping</i> e pomar
		<i>Brotogeris chiriri</i> Gmelin, 1788	Periquito de encontro amarelo	frugívora	<i>Camping</i> e pomar
Cuculiformes	Cuculidae	<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	Anu preto	insetívora	<i>Camping</i>
		<i>Guira guira</i> Gmelin, 1788	Anu branco	insetívora	<i>Camping</i>

Continuação

Apodiformes	Apodidae	<i>Streptoprocne zonaris</i> Sclater, 1862	Andorinhão	insetívora	<i>Camping</i>
	Trochilidae	<i>Colibri serrirostris</i> Vieillot, 1816	Beija-flor de canto	nectívora	Mata
		<i>Eupetomera macroura</i> Gmelin, 1788	Beija-flor tesoura	nectívora	Entrada e pomar
		<i>Amazilia láctea</i> Lesson, 1829	Beija-flor de peito azul	nectívora	Pomar
Coraciformes	Alcedinidae	<i>Ceryle torquata</i> Linnaeus, 1766	Martim pescador grande	carnívora	<i>camping</i>
Piciformes	Ramphastidae	<i>Ramphastos toco</i> Muller, 1776	Tucanaçu, tucano toco	onívora	<i>Camping</i> e entrada
	Gabulidae	<i>Galbula ruficauda</i> Linnaeus, 1766	Ariramba de cauda ruiva	insetívora	Mata
	Picidae	<i>Colaptes campestris</i> Vieillot, 1818	Pica-pau do campo	insetívora	mata
		<i>Picumnus albosquamatus</i> d'Orbingny, 1840	Pica-pau anão escamado	insetívora	mata
		<i>Campephilus melanoleucos</i> Gmelin, 1788	Pica-pau topete vermelho	insetívora	mata
<i>Drycopus lineatus</i> Linnaeus, 1766		Pica-pau de banda branca	insetívora	mata	
Passeriforme	Formicacidae	<i>Thamnophilus doliatus</i> Linnaeus, 1764	Choca barrada	insetívora	mata
	Furnaridae	<i>Furnarius rufus</i> Gmelin, 1788	João de barro	insetívora	<i>Camping</i> e pomar
		<i>Phacellodomus ruber</i> Vieillot, 1817	Graveteiro	insetívora	mata
	Dendrocolaptidae	<i>Lepidocolaptes angustirostris</i> Spix, 1824	Arapaçu do cerrado	insetívora	pomar
	Tyrannidae	<i>Camptostoma absoletum</i> Termminck, 1824	Risadinha	insetívora	mata
		<i>Elaenia flavogaster</i> Thunberg, 1822	Guaracava de barriga amarela	onívora	mata
		<i>Pyrocephalus rubinus</i> Boddaest, 1783	Príncipe ou verão	insetívora	<i>Camping</i> e pomar
		<i>Xolmis cinérea</i> Vieillot, 1816	Maria branca	insetívora	<i>camping</i>
		<i>Xolmis velata</i> Lichtenstein, 1823	Pombinha das almas	insetívora	<i>camping</i>
		<i>Knipolegus lophotes</i> Boie, 1828	Maria preta de penacho	insetívora	mata
<i>Myarchus tyrannulus</i> Muller, 1776		Maria cavaleira de rabo ferrugem	insetívora	mata	
<i>Pitangus sulphuratus</i> Linnaeus, 1760		Bem-te-vi	onívora	Mata e pomar	
<i>Tyrannus savana</i> Vieillot, 1808		Tesourinha	insetívora	<i>camping</i>	
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	Suiriri	insetívora	Mata, <i>camping</i> e pomar		

Continuação

Passeriforme		<i>Tyrannus albogularis</i> Burmeister, 1856	Suiriri de garganta branca	insetívora	Mata
	Pipridae	<i>Antilophia galeata</i> Lichtenstein, 1823	Soldadinho	onívora	Mata
	Hirundinidae	<i>Phaeoprogne tapera</i> Linnaeus, 1758	Andorinha do campo	insetívora	camping
		<i>Notiochelidon cyanoleuca</i> Vieillot, 1817	Andorinha azul e branca	insetívora	camping
		<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> Vieillot, 1817	Andorinha serrador	insetívora	camping
	Trglodydae	<i>Donacobius atricapillus</i> Linnaeus, 1766	Japacamim	insetívora	mata
	Muscicapidae	<i>Polioptila plumbea</i> Vieillot, 1817	Balança rabo de chapéu preto	insetívora	mata
		<i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818	Sabiá branco	onívora	entrada
		<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1851	Sabiá poca	onívora	pomar
	Mimidae	<i>Mimus saturninus</i> Lichtenstein, 1823	Sabiá do campo	onívora	pomar
Emberizidae	<i>Basileuterus leucophrys</i> Pelzeln, 1868	Pula pula de sobrancelha	insetívora	mata	
	<i>Thraupis palmarum</i> Wied, 1821	Sanhaço do coqueiro	onívora	entrada	
	<i>Eufhonia chlorotica</i> Linnaeus, 1766	Vivi	onívora	mata	
	<i>Tangara cayana</i> Linnaeus, 1766	Sanhaço de cara suja	frugívora	mata	
	<i>Dacnis cayana</i> Linnaeus, 1766	Saí azul	onívora	pomar	
	<i>Tersina viridis</i> Illiger, 1811	Saí andorinha	onívora	mata	
	<i>Ammodramus humeralis</i> Bosc, 1792	Tico tico do campo	insetívora	Mata	
	<i>Emberizoides herbicola</i> Vieillot, 1817	Canário do campo	insetívora	camping	
	<i>Sporophila caerulea</i> Vieillot, 1823	Papa capim	granívora	mata	
	<i>Icterus cayanensis</i> Linnaeus, 1766	Encontro	granívora	pomar	
	<i>Sporophila nigricolis</i> Vieillot, 1823	Coleiro baiano	granívora	pomar	
	<i>Stumella militaris</i> Bonaparte, 1851	Polícia inglesa	onívora	mata	
	<i>Pseudoleistes guirahuro</i> Vieillot, 1819	Chopim do brejo	granívora	mata	
	<i>Gnorimopsar chopi</i> Vieillot, 1819	Pássaro preto	onívora	entrada	
	<i>Molothrus bonariensis</i> Gmelin, 1789	Chopim	onívora	entrada	
	<i>Volatinia jacarina</i> Linnaeus, 1766	Tiziu	granívora	entrada	
Passeridae	<i>Passer domesticus</i> Linnaeus, 1758	Pardal			